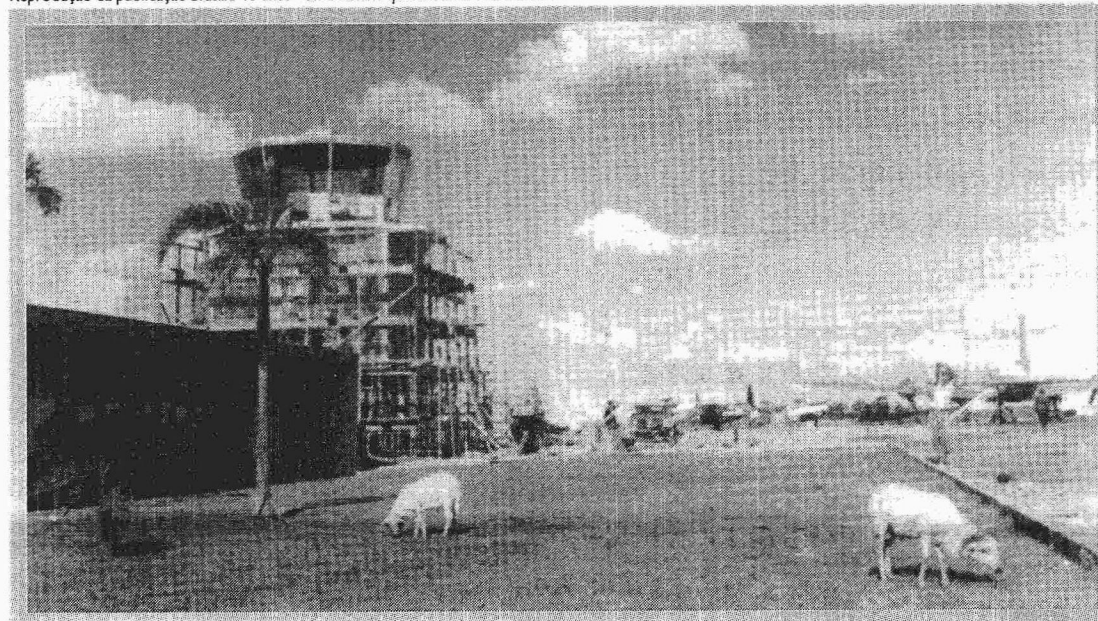




German Lehm Müller

Uma vida dedicada à aviação

Reprodução da publicação Brasília 40 anos - Uma história que continua sendo escrita



NO AEROPORTO DE BRASÍLIA, GERMAN PASSOU A MAIOR PARTE DA SUA VIDA PROFISSIONAL

Com uns mapas debaixo do braço, ele lhe contou detalhes da futura capital. “Me lembro como se fosse hoje quando ele disse: ‘Germano, tá vendo isso aqui? Isso vai ser o Lago Sul.’ Eu vi o projeto do Lago Sul quando ele ainda estava na planta”, conta, orgulhoso. Por coincidência, é lá que o pioneiro mora hoje.

Convite

Em fins de 1959, o aeroviário teve uma grande surpresa. Em passagem por Brasília, o diretor comercial da Vasp o convida para beber uma cervejinha e aproveita a ocasião para lhe fazer uma proposta tentadora. “Germano, conheço toda a sua vida, não precisa me dizer nada. Só quero saber quanto você ganha”, perguntou o diretor comercial. “Por sorte eu estava com o contracheque no bolso e lhe mostrei”, lembra. “Ele então disse que pagaria o dobro para eu trocar de camisa (ele quis dizer trocar o uniforme da Real pelo da Vasp). Eu aceitei a proposta, pois, além de tentadora financeiramente, era um grande desafio profissional. Continuei trabalhando no aeroporto e fazendo a mesma coisa. Só mudei de balcão”, conta o novo gerente.

Germano era responsável pelo controle das aeronaves, pelo embarque e desembarque de passageiros. Como não existiam computadores, tudo era mais demorado e mais trabalhoso. “Só para você ter uma idéia, naquele tempo o cartão de embarque

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Brasília era mais que um amontoado de barracos no início de sua construção. A cidade era sinônimo de trabalho e garantia de um futuro melhor para muitas famílias que vinham de outras regiões do país. Foi com a promessa de muito trabalho e o desejo de vencer na vida que o ex-piloto do Loyd Aéreo Boliviano resolveu buscar novos ares no Planalto Central.

Nascido na Bolívia, German Lehm Müller — mais conhecido como Germano — deixou o país em 1957 com destino a São Paulo, onde sonhava continuar trabalhando na aviação. “A legislação brasileira, naquele tempo, exigia a permanência de cinco anos no país para a admissão”, conta. Em pouco tempo, German fez amizade com o comandante Lineu Gomes, da Real Aerovias, que o admitiu como despachante operacional de voo no aeroporto de Congonhas.

O funcionário ficou lá apenas seis meses até receber o convite do amigo para trabalhar na futura capital. Ele chamou o “índio boliviano” — apelido dado pelo dono da Real — e o avisou: “Germano, Brasília vai ser inaugurada em 21 de abril e quero ser a primeira empresa a operar na região, lhe dou carta branca para montar toda a infra-estrutura no local. Você é um rapaz jovem, solteiro e com muita visão de futuro. Se você quer ven-

cer na vida, vai para Brasília.” Foi dito e feito. Em pouco tempo, a Real Aerovias abriu sua agência em Brasília graças à garra e ao esforço do pioneiro, que chegou em fevereiro de 1958.

A cidade naquele tempo se resumia apenas a uns poucos barracos de madeira cercados pela vegetação densa do cerrado. Foi mais ou menos esse cenário que os olhos curiosos de German avistaram assim que desembarcou. A cidade estava praticamente toda por fazer quando ele chegou. “Quando desci em Brasília tomei um susto muito grande”, conta German. “Só havia uma pista e um pequeno barraco de madeira, onde hoje é a base aérea”, descreve o descendente alemão. “Difícil de imaginar, mas o aeroporto da futura sede do governo era aquilo ali.”

A impressão não muito agradável da cidade foi se somando à tristeza do lugar. “A solidão nos consumia muito. Além dis-

so, aquela terra vermelha que se levantava com os lacerdinhos (redemoinhos) nos fazia mal. A gente espirrava e saía um tijolo do nariz de tanta poeira”, afirma o integrante do Clube dos Pioneiros. Segundo ele, era preciso trocar, pelo menos três vezes ao dia, o uniforme verde e branco da empresa.

Sozinho e sem direção, German foi buscar abrigo no Hotel Buriti, no Núcleo Bandeirante, onde ficou durante um ano e meio até a construção de um alojamento para a Real Aerovias. Foi nesse acampamento que passaram a morar todos os funcionários da empresa. Aliás, essa foi uma das maiores dificuldades do encarregado de instalar a companhia aérea em Brasília. Não havia mão-de-obra especializada na cidade. German teve de buscar em São Paulo e Goiânia os mecânicos e demais funcionários. “Foi muito difícil. Além do mais, você tinha

por obrigação oferecer residência a todos eles”, lembra.

Depois de instalada a empresa, como queria o amigo e chefe da Real Aerovias, German teve a oportunidade de inaugurar o primeiro dos três aeroportos. Ele funcionava no mesmo local (na base aérea), porém, com um novo balcão de atendimento aos passageiros.

Quando não estava trabalhando, o que era muito raro, German procurava fazer amizades com os diretores das construtoras. “Cada construtora tinha seu acampamento e lá tinha de tudo. Uma grande área de lazer com piscina. Foi uma maravilha”, comemora. O gerente de aeroporto, em pouco tempo, conheceu toda a diretoria da Novacap, com a qual fez grandes amizades, dentre elas a de Íris Meinberg, Israel Pinheiro e Ernesto Silva. “Uma vez o dr. Ernesto, que trabalhava na parte imobiliária, me convidou para beber uma cervejinha”, conta.

O boliviano chegou a Brasília em 1958 para abrir o escritório da Real Aerovias na cidade. Tarefa cumprida, foi contratado pela Vasp. Depois de aposentado trabalhou na Infraero

NA FOTO GRANDE,
COM FILHOS E NETOS;
E NA MENOR, COM OS
IRMÃOS E A MÃE
CENTENÁRIA

Fotos: Arquivo pessoal



era feito à mão”, explica o pioneiro. Toda a supervisão do aeroporto era feita por German que, no meio do corre-corre, foi testemunha de umas cenas mais inusitadas. “Eu estava acompanhando o término do embarque dos passageiros que faziam a ponte aérea para o Rio e a aeronave já estava quase de partida quando o deputado federal Tenório Cavalcanti chegou correndo com a *Lurdinha* (sua famosa metralhadora, que costumava carregar na cintura) para embarcar. Mas a porta do avião já havia sido fechada”, lembra. O mecânico da Panair do Brasil já sinalizava no solo para o avião sair quando o deputado grita. “Eu vou nesse avião. Abra a porta da aeronave senão eu arrebento os pneus.” O comandante deu ordens para baixar a escada e o passageiro entrou.

Foi na nova companhia aérea que German decolou na carreira e inaugurou a atual sede do aeroporto. Em pouco tempo, “com a privatização das empresas”, o pioneiro assumiu a diretoria da Vasp. “Nessa época, a companhia desfrutava de 70% a 80% do tráfego aéreo de Brasília”, lembra. Foi nesse período também que German conquistou o primeiro lugar em vendas de passagens, per capita. “O governo federal era nosso maior cliente”, afirma. O título foi conquistado com muito trabalho e a criatividade do pioneiro. Além de criar, German sabia como conquistar seus clientes e aumentar as vendas. Foi durante a recepção que a companhia ofereceu às secretárias de todo o Distrito Federal que ele conheceu a sua esposa. “Decidimos, no dia 30 de setembro de 1980, em parceria com Eraldo Alves da Cruz, diretor-geral do Eron Hotel, oferecer uma

“**SÓ HAVIA UMA PISTA E UM PEQUENO BARRACO DE MADEIRA, ONDE HOJE É A BASE AÉREA. DIFÍCIL DE IMAGINAR, MAS O AEROPORTO DA FUTURA SEDE DO GOVERNO ERA AQUILO ALI**”

recepção naquele que era o segundo hotel existente na cidade. Conseguimos reunir 450 secretárias-executivas dos governos federal e distrital. Nunca vi tanta mulher em Brasília naquela época”, garante o consultor em-



presarial. Segundo ele, eram 450 mulheres para oito homens. Entre eles estava o ministro do Trabalho, Murilo Macedo. Durante a cerimônia, foram distribuídas rosas a todas as secretárias e sorteadas algumas passagens aéreas. “Iracema foi uma das contempladas, com uma passagem Brasília-Rio-Brasília. A então representante do MEC me deixou deslumbrado”, confessa o ainda apaixonado pioneiro.

O sócio do Clube da Aeronáutica deixou a Vasp por ocasião de sua aposentadoria, mas não parou por aí. “O ministro Délio Jardim de Mattos logo ficou sabendo da minha saída e disse que eu ainda estava muito novo para parar. Ele me pediu para descansar um mês e que quando voltasse

iria assumir a assessoria da presidência da Infraero”. Foi nesse meio tempo — ele trabalhou na Infraero durante oito anos — que ele criou o Departamento de Comunicação Social da empresa.

Mesmo depois de conhecer vários países da Europa, da Ásia e da América do Norte, Central e Sul, para onde costumava viajar a trabalho, German é apaixonado por Brasília. “A cidade tem tudo para viver bem.” Após anos de luta e muito trabalho, “porque na aviação não existem sábado, domingo ou feriado”, ele leva uma vida mais tranquila num dos lugares que mais gosta: ao lado do aeroporto. O sossego só é interrompido mesmo pelo barulho dos aviões que sobrevoam sua residência no Lago Sul.

Raio X

Nome: German Lehm Müller
Idade: 68 anos
Origem: Roboré, Bolívia
Ano de chegada a Brasília: 1958
Profissão: Aeroaviário aposentado
Estado civil: Casado
Esposa: Iracema Silvestre de Araújo Lehm
Filhos: Christiano, Jean e Luciana
Netos: Anna Elizabeth, Lucas, Alexandre, Jéssica e Jennifer
Algumas homenagens: Medalha do Mérito Tamandaré, Medalha do Mérito Santos Dumont, Medalha do Mérito do Pacificador, Ordem do Mérito da Aeronáutica (Grau de Comendador), Ordem do Mérito de Brasília (Grau de Comendador) e Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho (TST)